

VERSA VICE – IMAGENS E A PERCEPÇÃO ESPACIAL

Ludmila Santos¹
Carina Merheb²

O que move o caminhar pedagógico de ambas professoras que aqui relatam suas experiências é o de pensar nas possibilidades de diferentes práticas pedagógicas no campo imagético. Desestabilizar a imagem e as informações didáticas é o que nos vincula através de experimentações que visam tensionar o que é fixo e estável, para uma forma de alisamento que Deleuze e Guattari citam em *Mil Platôs* (vol. V). Os autores criaram a ideia de estriamento e alisamento e idealizamos esses sentidos em nossas práticas partindo do pressuposto de que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso, organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo. Note-se que as misturas de fato não impedem a distinção de direito, a distinção abstrata entre os dois espaços. (pág. 157)

Desse modo as produções imagéticas se construíram como abertura do pensamento e não com um fim em si. O que nos impulsiona a refletirmos juntas são duas situações: a primeira, que surge da nossa forma de pensar a imagem, a geografia e a sala de aula sob uma perspectiva identificada como um constante caminho de variação de padrões escolares; e a segunda advém da situação de nós duas sermos participantes do Projeto ‘Imagens, Geografia e Educação’ cuja intenção é a discussão sobre a linguagem e as imagens como produtoras/mediadoras do pensamento espacial. A experiência versa-vice trata-se de duas experimentações realizadas em escolas distintas da cidade de Campinas-SP: enquanto em uma a professora leva a imagem para a escola e a transforma em informação; a outra faz o movimento inverso – transforma a informação em imagem.

Tão longe, tão perto... O hábito de fotografar de perto e de longe já está posto. Seu conteúdo não é mexido, nem questionado. Faz-se por ele mesmo e nos alheia por si próprio. No entanto, quando propomos brincar com os elementos que podem conversar com questões espaciais, percebemos outros lugares de uma mesma área. Os lugares das figuras da “Cidade Pagã” e da “Esperança que brota do chão”, tiradas por alunos do ensino médio, representam isso respectivamente nas imagens um e dois.



Imagem 1 : Cidade pagã

Para esse trabalho os alunos foram convidados a observar a paisagem, e procurar representar o espaço, não só com elementos críticos a análise espacial. A questão da procura das sensações que os mobilizaram na escolha das miradas, também foi auferida e depois foi mote dos textos que se usou para a construção de cartões postais.



Imagem 2 : A esperança que vem do chão

¹ Grupo de Pesquisa: Laboratório Audiovisual OLHO. E-mail: ludmila.sarraipa@gmail.com

² Doutoranda da Faculdade de Educação. Grupo de Pesquisa: Laboratório Audiovisual OLHO

A área, uma pedreira localizadas na cidade de Campinas – SP, se multiplicou e definiu outros contornos para lugares vistos e revistos. Assim temos o caminho das imagens para a sala de aula e delas para sua exteriorização de volta às imagens! Procuramos linhas que espreitam os materiais didáticos, no sentido de desmistificar e desestabilizar os estereótipos relacionados à produção do espaço geográfico. Nossas referências se pautam nas discussões ao redor dos estudos sobre os conceitos presentes nos livros de Deleuze e Guattari, especialmente em “O que é a Filosofia” e “Mil Platôs”. Eles escrevem como a arte, a ciência e a filosofia, podem ser caminhos para as potências do pensamento, (Deleuze, 2006, p. 238). A literatura e a produção audiovisual atendem às necessidades expressas do se perceber a construção espacial por outro viés. O desejo como acontecimento de algo que não podemos controlar, sem resultados previsíveis, sem clichês doutrinários, alavanca a intenção do significado dos estudos geográficos. A percepção espacial sem ida nem vinda, a ideia como algo possível, mesmo que improvável é dominante na busca das estratégias de aula. Outra referência que orienta os trabalhos é a de Doreen Massey que na visão das autoras desse texto, se conecta ao pensamento filosófico deleuziano, quando explica o espaço como produto de inter-relações na esfera de possibilidades e multiplicidade (Massey, 2008, p.32). Dessa maneira como é evidenciado no trabalho de Sarraipa e Marques “O espaço depende também do olhar de quem o povoa e de certa maneira habita dentro das pessoas como se fosse alheio às historicidades. Assim os fazem e deixam fazer-se continuamente, em dependência praticamente existencial”. (Sarraipa e Marques, 2011).

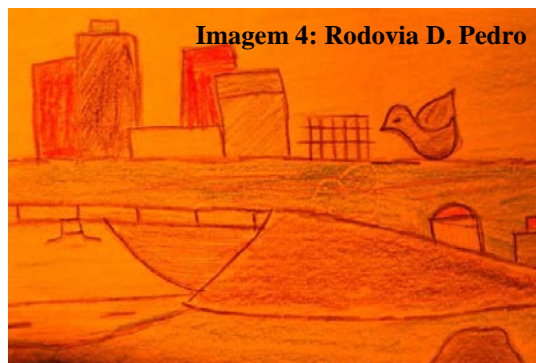
Ainda que se relate propostas escolarizadas, a ideia é de como mexer com as questões da percepção espacial de quem lida com essa construção. Seguimos construindo e desconstruindo, de modo que o castelo de cartas possa algum dia ganhar contornos arredondados, amorfo ao tempo que o desfaz. Que de alguma forma se faça nele presente o presente de quem o olha no exato instante da troca, que outrora já não é mais aquilo que se vê.

Nas gravuras da imagem 3, observa-se a representação do que se via. Desenhos dispararam os debates sobre a paisagem e o que ela pode ser. Alunos do sexto ano, na faixa etária de 10 e 11 anos, primeiramente falaram como o olhar intervém nas “coisas” e como essas se misturam no olhar da gente (mencionado por um aluno no trabalho de campo).



Pretensiosas, desejamos que o aprendizado se faça de maneira mais significativa e dessa forma optamos por driblar convenções protocolares do ensino e das diretrizes nacionais que impõem impiedosamente formas de se dar aula. Com os alunos, não se fez diferente, e os assuntos pertinentes ao programa de Geografia foram-se desfazendo e começamos ao contrário com a seguinte pergunta: como a paisagem se faz? Quem a faz? Ela pode se transformar? E ainda sem material que pudesse pautar a discussão da Geografia fomos delineando os contornos paisagísticos da percepção de cada um sobre o próprio entorno da escola. Entendemos isso como construção do espaço geográfico, mas preferimos trabalhar com ideia que cada um constrói um entendimento das relações que podem construir e transformar paisagens. Para exemplificar essa estratégia enquadrámos na escrita as imagens das produções dos alunos de uma mesma área, mas, com percepções espaciais singulares, como é o representado na imagem 3 e 4, a última indicada ao lado. Esse exercício de trazer

primeiro a vivência, para desenvolver a prática da análise, é bem interessante e produtiva, para alunos dessa idade. Além de deixá-los livre para compor seus pensamentos junto aos trabalhos escolarizados, podemos trazer a tona, projetos mais autônomos sem a repetição dos materiais didáticos ou referências mais clássicas. Os estudos sobre Paisagem Geográfica, assunto introdutório das séries iniciais, foi apresentado primeiramente pelos alunos, que fizeram isso magistralmente com produções plásticas e escritas sobre os elementos que compunham o passado o presente e o futuro do espaço que os cercavam.



Portanto essas professoras que vos escrevem procuram espaços para pensares outros, e questionamentos que apesar de dormentes são preciosos e pontuais no próprio movimento que o criar concede. Pensamos antes do próprio querer ensinar que a profissão impõe. Acentuar e aproveitar melhor as questões que cada aluno tem da percepção espacial. Como chega a ele, o aluno, as questões de lugar: estagnada; fugaz; dinâmica; funcional? O querer saber qual a construção do espaço que o alunado faz ou se deixa fazer, acontece de maneira obsessiva e nos impele a perseguir estratégias para sabê-los. As produções imagéticas e audiovisuais são saídas palpáveis, e pode responder a curiosidade citada sobre como nossos alunos pensam o mundo.

“(…) somos feitos de linhas. Não queremos apenas falar de linhas de escrita; estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam variação da própria linha escrita, linhas que estão entre as linhas escritas (...)” (Deleuze-Guattari, 2004, p. 66)

Sem desprezar os saberes já consolidados pensamos em atender aos planos de realidade que audaciosamente podem coabitar. E como Deleuze escreve em “O que é Filosofia”, pretendemos atribuir outros significados aos estudos Geográficos que não se apresentem simplesmente em um fim, mas no fluxo constante do pensar.

Referências

DELEUZE, G. GUATTARI F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro Ed. 34 3ª reimpressão - 2004

DELEUZE, G; GUATTARI F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 4ª reimpressão – 2006.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SARRAIPA, Ludmila Alexandra dos Santos; MARQUES, Ivania – Desterritorialidades II colóquio sobre “A Educação pelas Imagens e suas Geografias” - Faculdade de Geografia da Universidade de São Paulo – USP no período de 9 a 11 de novembro de 2011 com aceite para publicação na **Revista Geograficidades da USP.**

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 3ª edição, 2011.